



Percurso Metodológico na Pesquisa em Álbuns de Famílias do Alagadiço: Uma Comunidade Rural Quilombola¹

Monique Marques da Silva OLIVEIRA²
Márcia Guena dos SANTOS³
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido a partir dos estudos realizados pelo projeto de pesquisa “Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas da região do submédio São Francisco: identidades em movimento”, e tem por objetivo analisar o registro fotográfico disposto em álbuns de algumas famílias da comunidade rural quilombola do Alagadiço. No decorrer do trabalho serão discutidos e apontados os aprendizados adquiridos na área da fotoetnografia, ancorada a antropologia visual, que contribuirão na metodologia utilizada nesta pesquisa. Além disso, recorreremos à entrevistas abertas com sujeitos da comunidade em questão, a fim de traçar a história desses grupos na região. Buscando assim trazer colaborações significativas dentro de uma pesquisa fotoetnográfica, revelando aspectos culturais e territoriais fundamentais para a compreensão da organização e particularidades do Alagadiço.

PALAVRAS-CHAVE: Fotoetnografia; Antropologia Visual, Álbuns de Família; Quilombos.

INTRODUÇÃO

O projeto de Pesquisa “Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas da região do submédio São Francisco: identidades em movimento”³ atua desde de 2012, na área que

¹ Trabalho apresentado a Divisão Temática Fotografia – XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2014, como resultado preliminar da pesquisa “Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas da região do submédio São Francisco: identidades em movimento” financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

² Graduanda do quarto semestre em Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), monique.marques94@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, doutora e professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), marciaguena@gmail.com

⁴ Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) que tem como bolsistas Juliano Ferreira do Carmo e Monique Marques da Silva Oliveira, a orientadora é a doutora e professora Márcia Guena dos Santos.



abrange as proximidades de Juazeiro, norte da Bahia, tendo visitado as seguintes comunidades quilombolas: Quipá, Barrinha da Conceição, Junco, Rodeador, Alagadiço, Barrinha do Cambão, Curral Novo e Pau Preto. Com o objetivo de mapear as comunidades quilombolas que estão localizadas na área do Submédio São Francisco. Esta que, segundo a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (CODEVASF), compreende as cidades de Juazeiro e Paulo Afonso na Bahia e Ouricuri, Petrolina e Serra Talhada em Pernambuco.

Ao longo da pesquisa, percebemos que a memória das famílias da localidade, registrada em seus álbuns, carrega muito subsídio histórico quilombola de toda a comunidade. Dessa forma, resgatar e sistematizar os álbuns de família é uma importante maneira de falar de uma herança que se mantém, ao passo que se perde com o tempo e com todos os conflitos encontrados. A comunidade, Alagadiço, localizada a cerca de 15 quilômetros do centro de Juazeiro, foi a primeira da cidade citada a iniciar o processo de certificação como remanescente de Quilombos - para, entre outros direitos, garantir a posse das terras -, atualizando o estatuto da associação local como comunidade quilombola, dando continuidade a regulamentação junto a Fundação Palmares. Motivando-nos, com esse passo, a elegê-los como primeira comunidade onde aplicaremos a pesquisa fotoetnográfica que nos propusemos. Objetivando ajuda-los na luta, faremos o trabalho com o intuito de servi-lhes o produto resultante como forma documental e simbólica para resgatar o percurso histórico da localidade.

Metodologicamente, optamos pela fotoetnografia utilizando-se da sua contribuição conceitual, sendo esta, um método advindo da antropologia que estuda os grupos da sociedade e suas características. Mais especificamente, esta pesquisa se insere na interface entre etnografia e comunicação, como já dito, no campo o qual chamamos fotoetnografia. Na prática, a atuação nessa área e consequente descrição está atrelada aos afazeres do antropólogo. (TRAVANCAS, 2006, p. 98). No caso em questão, a fotografia é o principal instrumento para realização da pesquisa e pode estar presente em vários formatos, como livros, exposições etc. (BONI; MORESCHI, 2007). O trabalho, portanto segue os passos da antropologia visual, que pressupõe um mergulho do pesquisador na sociedade estudada. Travancas (2006) recomenda alguns passos para realização da pesquisa etnográfica. O primeiro deles seria a revisão bibliografia, incluindo aí a própria antropologia visual e a etnografia. Logo depois um caderno de



campo, ou gravador, onde se registre todas as vivências. E posteriormente a inserção no ambiente proposto para a pesquisa.

1. PERCURSO METODOLÓGICO

1.1 Fotoetnografia

A Etnografia estuda os grupos da sociedade, suas características antropológicas, sociais e culturais. Quando a fotografia é utilizada como instrumento principal na realização de um trabalho etnográfico, esta se torna uma fotoetnografia (...) Os parâmetros adotados na realização de um trabalho fotoetnográfico seguem a linha da Antropologia Visual. As pesquisas de campo e os critérios de análise e interpretação permitem que o pesquisador consiga traçar um perfil etnológico do grupo estudado. O objetivo de adotar e seguir esses critérios corresponde à conquista de credibilidade da ciência e seriedade no resultado final apresentado ao público. (BONI; MORESCHI, 2007, p. 138 – 139)

O termo fotoetnografia foi empregada no Brasil pela primeira vez em 1996 por Luiz Eduardo Robinson Achutti, doutor em etnologia, na sua tese de mestrado, nesta ele utiliza a fotografia não apenas como um meio ilustrativo, mas possibilita que estas assumam o centro da narrativa. Sendo assim, as imagens dividem a responsabilidade na composição das análises propostas, visando a ideia de que todo o aporte teórico estará atrelado a relação imagem-texto, e nesta se embasará.

O recurso da fotografia como forma narrativa, em que pese a crescente facilidade de acesso aos meios, ainda é pouco utilizado pelos antropólogos. As formas verbais e escritas seguem preponderando sobre uso da imagem, mantendo-se mais usuais e aceitas e, de certa forma, isso se pode dever também ao fato de as diretrizes metodológicas que envolvem o uso da fotografia ainda não estarem assentadas em práticas convencionadas e reconhecidas como efetivas. Em grande parte dos textos, a fotografia, quando aparece, se restringe a um papel ilustrativo. (ACHUTTI, 2004, pag. 276)

Optamos pela abordagem metodológica citada, utilizando-se de conceitos expostos por Paulo César Boni e Bruna Maria Moreschi, por dispor de uma forma de trabalho que contribui para um resgate de informações atreladas aos diferentes tipos de etnias. Funcionando também como uma forma de compilar dados do conhecimento acumulado pelo grupo estudado - neste caso, uma comunidade quilombola específica, que podem



servir como fonte de comparação anacrônica, visto que, segundo afirmação do Boni e Moreschi, a cultura e os costumes das etnias estão sujeitos a transformações.

Para expor o papel da fotografia nesta pesquisa, apropriamo-nos desta definição de “imagens fotográficas não como mero meio ilustrativo, mas assumindo a centralidade da narrativa, o que caracteriza a fotoetnografia” (ACHUTTI, 2004). Deste modo, a fotografia passa atuar como principal meio no desenvolvimento dos trabalhos, e o texto, agindo em segundo plano, como representação e por vezes, informação complementar do discurso encontrado nas imagens. Buscando colaborar para a discussão sobre o uso de fotografias na pesquisa social, assim como as implicações para pensar racializações e identidades em comunidades tradicionais.

1.2 Álbuns de Família

A prática das pessoas, das famílias, em si relacionar com a localidade que habitam, transmite, sobretudo, uma construção de representação, como afirma Armando Silva, em seu livro “Álbum de família: A imagem de nós mesmos” (2008). Seguindo este raciocínio, para Silva, estabelecemos mapas imaginários que resultam em narrativas desenvolvidas pelos moradores diante de suas vivências. Segundo o mesmo, a análise dos diversos discursos presentes nas fotografias inaugura uma perspectiva de compreensão que está para além dos indivíduos, ao passo que, encontra-se atrelada a eles, visto que conserva uma interpretação sociocultural sobre as experiências vividas. Como sugere Silva, este tipo de leitura proporciona conhecer as cidades por um viés inusitado, atribuindo subjetividades, analisando-as, deste modo, partindo dos “imaginários cidadãos”.

Na análise realizada pelo subgrupo “Álbuns de Família” no contexto da pesquisa denominada “Porto Alegre imaginada”, os pesquisadores: Nara Magalhães⁵, Angela Zamin⁶, Lourdes Silva⁷, Márcia Anselmo⁸ e Reges Schwaab⁹ expõem algumas conclusões a partir da experiência da pesquisa fotoetnográfica aplicada a pessoas que se autodefinem como negras, com o intuito de “dar visibilidade a uma trajetória de cidadãos e a uma cidade (Porto Alegre) que, na maioria das vezes, permanece desconhecida, tanto na história oficial como nos espaços midiáticos tradicionais” e utilizando-se dos registros fotográficos armazenados em álbuns. Segundo eles:



A construção subjetiva de um olhar a cidade/olhar-se na cidade a partir de registros fotográficos é produtiva do ponto de vista da pesquisa. Tal perspectiva é sugerida por Machado (1984), que considera mais profícuo examinar modos como cada comunidade fotografa e se deixa fotografar, ao invés de apoiar-se num suposto processo imparcial da visão da câmera. Desse movimento, segundo o autor, é possível obter um inventário de situações e valores de cada grupo. (MAGALHÃES; ZAMIN; SILVA; ANSELMO; SCHWAAB; 2011; p. 160)

Ao optar por focar seus estudos no formato, álbuns de família, estimulando a narrativa dos sujeitos acerca de suas fotografias, intuímos trazer a luz a percepção da comunidade a partir desse discurso duplo, do disposto nas fotografias e do que a história oral nos permite apreender, elucidada os autores supracitados. Tencionando assim interpretações corriqueiras das comunidades tradicionais, no caso específico, os quilombos, atrelada, por vezes, a preconceitos e estereótipos, mas buscando a formulação de uma investigação embasada nos sentimentos, subjetividades, lembranças, herança cultural, entre outros fatores acessados ao folhear esses álbuns. “Nós somos o álbum, convertendo-se, ele mesmo, em consciência visual de nosso trânsito pelo tempo e pela vida.” (SILVA, 2008, p.18).

1.3 Imagem (representações) Quilombola

Estudos sobre populações camponesas no Brasil têm exposto a relevância da relação entre território e parentesco. No viés quilombola, a garantia da posse das terras também perpassa pela via hereditária. Desse modo, definir herança igualitária está atrelada ao registro documental das relações de parentesco (PAOLIELO, 1998:158). Seguindo este raciocínio, a presente proposta de análise dos álbuns de família da comunidade do Alagadiço poderá funcionar como aparato documental para atestar estas relações.

Desta forma, a união do fator parentesco com o território constituem identidade.

Se, por um lado, temos território constituindo identidade de uma forma bastante estrutural, apoiando-se em estruturas de parentesco, podemos ver que território também constitui identidade de uma forma bastante fluída, levando em conta a concepção de F.Barth (1976) de flexibilidade dos grupos étnicos e, sobretudo, a ideia de que um grupo,



confrontado por uma situação histórica peculiar, realça determinados traços culturais que julga relevantes em tal ocasião. É o caso da identidade quilombola, construída a partir da necessidade de lutar pela terra ao longo das últimas duas décadas. (CARVALHO; SCHMITT; TURATTI, 2002:04, Apud BARTH, 1976)

Vislumbramos assim, a incorporação de identidades em um grupo com características particulares decorrentes de fatores históricos próprios, e que se distinguirá quanto aos obstáculos e desafios que enfrentará, realidade esta atribuída as comunidades quilombolas. A luta dessas populações negras pelo direito de permanecer habitando e perpetuando as próximas gerações o território estruturado por seus antepassados.

Tomando as palavras de Boaventura Souza Santos, como identificações em curso, integrantes do processo histórico da modernidade, no qual concorrem velhos e novos processos de recontextualização e de particularização das identidades. Um processo histórico de resistência, deflagrado no passado, é evocado para constituir resistência hoje, praticamente como a reivindicação de uma continuidade desse mesmo processo. A identidade de negro é colocada como uma relação de diferença calcada na subalternidade e na diferença de classes. Boaventura S. Santos, ao relacionar identidade e questões de poder, nos lembra que quem é obrigado a reivindicar uma identidade encontra-se necessariamente em posição de carência e subordinação. (CARVALHO; SCHMITT; TURATTI, 2002:04, Apud SANTOS, 2000)

Os autores supracitados atribuem o sustendo desta submissão a representações sociais que a fundamentam apropriando-se do argumento acerca do retardo estrutural de grupos minoritários, onde, segundo eles é possível destacar forte disposição racista. “É um racismo recalcado, escondido atrás de um sistema de valores que [...] tanto inibe manifestações negativas na avaliação do outro racial como estimula a apologia da igualdade e da harmonia racial entre nós” (CARVALHO; SCHMITT; TURATTI, 2002: 05, Apud BORGES PEREIRA, 1996:76).

Essa posição histórica desfavorável elucida o porquê as comunidades quilombolas enfrentam o desafio de se estabelecerem como precursores de uma realidade que contrapõe seu habitual contexto nocivo, como explanado pelos pesquisadores citados.

Em tal situação de desigualdade, os grupos minoritários passam a valorar positivamente seus traços culturais diacríticos e suas relações coletivas como forma de ajustar-se às pressões sofridas, e é neste contexto social que constroem sua relação com a terra, tornando-a um território impregnado de significações relacionadas à resistência cultural. Não é qualquer terra, mas a terra na qual mantiveram alguma autonomia cultural, social e, conseqüentemente, a autoestima. (CARVALHO; SCHMITT; TURATTI, 2002: 05).



Contraditoriamente ao que prediz a citação, na vivência mediada pela pesquisa antropológica em certas comunidades quilombolas visitadas pelo projeto o qual esta análise está vinculada, percebemos um preocupante descaso em assegurar a perpetuação de manifestações culturais locais, entre outras particularidade. Entretanto, rejeitamos a equivocada ideia de que condicionada a manutenção da herança cultural está o isolamento. Assumimos o oposto, é notório o vínculo intenso com a contemporaneidade, porém assimétrica.

Finalmente, ao ingressar nas lembranças compiladas nos álbuns de determinadas famílias da comunidade do Alagadiço expectamos desvendar, com uma abordagem inusitada, partes significativas da história local e, desta maneira, esperasse despertar inédito interesse em uma real autoafirmação enquanto negros, remanescentes quilombola.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo o primeiro passo recomendado por Travancas (2006), a revisão bibliográfica, apropriamo-nos e aprimoramos, visando contextualizar, os conceitos já estabelecidos para uma pesquisa de natureza etnográfica. Acolhendo as contribuições teóricas estudadas neste percurso metodológico vislumbramos resultados positivos a partir da aplicação da proposta exposta neste, admitindo seus limites de alcance a aplicabilidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre : Tomo Editorial, Editora da UFRGS, 2004.

BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Doc On-line, n.03, Dezembro 2007, www.doc.ubi.pt, pp. 137-157.



CODEVASF. PLANVASF. **Plano Diretor para o Desenvolvimento do Vale do São Francisco.** Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/principal/publicacoes/publicacoes-atuais/planvasf>.

MAGALHÃES, Nara; ZAMIN, Angela; SILVA, Lourdes; ANSELMO, Marcia; SCHWAAB, Reges, **FOTOGRAFIAS NA CIDADE, IMAGINÁRIOS URBANOS: UMA EXPERIÊNCIA COM ÁLBUNS DE FAMÍLIA EM PORTO ALEGRE IMAGINADA**, In: Discursos Fotográficos, Londrina, v.7, n.11, p.157-174, jul./dez. 2011.

PAOLIELO, R.M. **Conflitos Fundiários na Baixada do Ribeira: A Posse como Direito e Estratégia de Apropriação.** Campinas. PPGAS/UNICAMP, dissertação de mestrado, 1992.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de Quilombo: Identidade e Território nas definições teóricas.** Ambiente & Sociedade - Ano V – Nº 10 – 1º Semestre de 2002.

SILVA, Armando. **Álbum de família: a imagem de nós mesmos.** São Paulo: SENAC, 2008.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 206. pp. 98-109.

Notas

⁵ Doutora em Antropologia Social pela UFSC. Servidora da UFRGS, onde atua na Pró-Reitoria de Graduação. Coordenadora do subgrupo Álbuns de Família do projeto de pesquisa Porto Alegre Imaginada.

⁶ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista do CNPq. Jornalista.

⁷ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão.

⁸ Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Jornalista. Especialista em Terceiro Setor.

⁹ Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS. Jornalista.

